



O fenômeno do morrer na novela “A morte de Ivan Ilitch” de Lev Tolstói: uma análise fenomenológico-psicológica das vivências psíquicas

Heitor Henrique Nunes Silva¹
Tommy Akira Goto²

Resumo: O artigo aborda a relação entre a Psicologia e a Literatura, destacando a influência mútua entre essas disciplinas desde o final do século XIX até os dias atuais. Autores como S. Freud e C.G. Jung utilizaram obras literárias para embasar suas teorias, enquanto a Literatura, por sua vez, foi influenciada pelo avanço psicológico, explorando temas relacionados à natureza humana. O trabalho investiga o “fenômeno do morrer” na novela “A morte de Ivan Ilitch” de Lev Tolstói, analisando as vivências psíquicas do protagonista diante desse processo. Para obtenção e manipulação dos dados, a presente pesquisa utilizou-se da proposta “pesquisa fenomenológico-empírica” apresentada por Giorgi e Souza (2010), e ampliada por Goto (2022). Utilizando a metodologia fenomenológico-empírica, foram identificadas as vivências psíquicas de dor física, sofrimento psíquico afetivo e a consciência de uma vida sem sentido. A fundamentação teórica baseou-se na Fenomenologia e na Psicologia Fenomenológica de Husserl. O estudo contribui para a compreensão das vivências psíquicas relacionadas à morte e destaca a importância da interdisciplinaridade entre a Psicologia e a Literatura na análise dos aspectos humanos mais profundos.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológica; método fenomenológico-empírico; sentido de vida.

The phenomenon of dying in the novel “The death of Ivan Ilitch” by Lev Tolstoy: a phenomenological-psychological analysis of psychic experiences

Abstract: The article addresses the relationship between Psychology and Literature, highlighting the mutual influence between these disciplines from the late 19th century to the present day. Authors such as S. Freud and C.G. Jung used literary works to support their theories, while Literature, in turn, was influenced by psychological advances, exploring themes related to human nature. The study investigates the “phenomenon of dying” in Lev Tolstoy's novel “The death of Ivan Ilyich”, analyzing the protagonist's psychic experiences in the face of this process. For the collection and manipulation of data, the present research utilized the proposal of “phenomenological-empirical research” presented by Giorgi and Souza (2010), and expanded by Goto (2022). Using the phenomenological-empirical methodology, psychic experiences of physical pain, affective psychological suffering, and the awareness of a meaningless life were identified. The theoretical foundation was based on Phenomenology and Husserl's Phenomenological Psychology. The study contributes to the understanding of psychic experiences related to death and highlights the importance of interdisciplinary collaboration between Psychology and Literature in analyzing deeper human aspects.

Keywords: Phenomenological Psychology; phenomenological-empirical method; meaning of life.

El fenómeno de morir en la novela “La muerte de Ivan Ilitch” de Lev Tolstói: un análisis fenomenológico-psicológico de las experiencias psíquicas

¹ Graduado em Psicologia (UFU). E-mail: heitor.nunes@ufu.br.

² Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência (PUC Campinas). Professor (UFU). E-mail: tommy@ufu.br.

Resumen: El artículo aborda la relación entre la Psicología y la Literatura, destacando la influencia mutua entre estas disciplinas desde finales del siglo XIX hasta la actualidad. Autores como S. Freud y C.G. Jung utilizaron obras literarias para fundamentar sus teorías, mientras que la Literatura, a su vez, fue influenciada por el avance psicológico, explorando temas relacionados con la naturaleza humana. El trabajo investiga el “fenómeno de morir” en la novela “La muerte de Iván Ilich” de Lev Tolstói, analizando las vivencias psíquicas del protagonista ante este proceso. Para la obtención y manipulación de los datos, la presente investigación utilizó la propuesta de “investigación fenomenológico-empírica” presentada por Giorgi y Souza (2010), y ampliada por Goto (2022). Utilizando la metodología fenomenológico-empírica, se identificaron las vivencias psíquicas de dolor físico, sufrimiento psíquico afectivo y la conciencia de una vida sin sentido. La fundamentación teórica se basó en la Fenomenología y en la Psicología Fenomenológica de Husserl. El estudio contribuye a la comprensión de las vivencias psíquicas relacionadas con la muerte y destaca la importancia de la interdisciplinariedad entre la Psicología y la Literatura en el análisis de los aspectos humanos más profundos.

Palabras clave: Psicología Fenomenológica; método fenomenológico-empírico; sentido de la vida.

1 Introdução

A arte está presente na história da humanidade desde os primórdios dos seres humanos – assim como o desenvolvimento da técnica e seu consequente avanço – e desde então, detém a responsabilidade de enquadrar as manifestações daquilo que se mostra mais humano, que os afetaram, os afetam e que, possivelmente, os afetarão, ao longo das gerações e presente entre os mais variados povos. A Literatura é um dos exemplos dentre essas manifestações, sendo um produto cultural que data seu surgimento junto ao próprio eclodir da civilização ocidental; dado ao fato que figuraram, entre os indícios mais remotos a respeito dessa história, os textos literários.

Desde o surgimento da Literatura, é possível encontrar indícios, a datar dessa mesma época, de teorizações a respeito da arte literária. Assim, teorizar sobre algo quer dizer adotar um objeto de estudo e realizar um estudo de caráter metódico e analítico. Com o passar do tempo, muitas teorias foram elaboradas para lidar com a produção literária, principalmente quando buscavam tornar a arte literária em objeto de estudo. Quando rejeitado esse princípio, a Literatura fora tratada a partir de sua fruição, resistindo às considerações metódicas, que tendem à sistematização, e ocupando-se apenas com o registro de uma impressão, um sentimento ou julgamento de origem subjetiva. Essa atitude anti-teórica, sendo uma resposta para a objetividade científica que permeou as teorias hegemônicas do século XIX, ficou conhecida pelo nome de impressionismo crítico, atingindo seu auge em fins do século XIX e início do XX (Souza, 1995).

Por outro lado, aqueles que tornaram a Literatura um objeto de estudo, produziram e travaram muitos debates, principalmente tratando-se de discussões interdisciplinares. No campo das ciências em geral, a Sociologia e a Psicologia, mais precisamente a Psicologia moderna, disciplina relativamente recente, realizaram inúmeros estudos sobre análises e/ou compreensões dessas produções artísticas ao longo das épocas, atuando com os mais variados tipos de produções, tendo assim, repercutido uma enorme reação dentre os estudiosos que se ocupavam exclusivamente da arte. No caso da Literatura, essa reação foi bastante delineada por aqueles que defendiam o estudo literário como a única forma de se compreender a Literatura (Leite, 1967).

A partir desse debate, e com o avanço dos estudos e do material produzido na área, fora constatado que a qualidade literária de um texto não dependeria, direta ou exclusivamente, da capacidade dessa produção em exprimir fidedignamente os processos psicológicos descritos pela ciência; ou mesmo, os aspectos sociais que molduram a época de sua produção, pois somente adquiriria o sentido de luta no instante de seu surgimento, e de obra documental após a superação de sua denúncia. O texto literário que se torna uma obra de arte, sobrevive ao tempo graças ao fato de ir além das condições sociais de seu contexto de criação, ou puramente das descrições psicológicas. Os textos são capazes de exprimirem uma condição daquilo que é mais humano e válido nas mais inusitadas situações e, portanto, como Leite (1967) pontua em seu ensaio sobre Psicologia e Literatura: “A obra artística, ainda que fosse criação resultante de determinada infraestrutura ou de sublimação, seria, também mais alguma coisa, caracteristicamente artística” (p. 15).

Assim, é possível utilizar os recursos da Sociologia e da Psicologia, orientando-os para além do momento de produção da obra literária, e aplicando-os no auxílio da compreensão da própria narrativa e de sua própria estrutura particular que o texto produz. Aqui os pesquisadores de ambas as áreas abdicam das referências às condições externas ao texto e explicam, ou analisam, a obra literária a partir dos aspectos constituintes que se tornam partes integrantes da obra. Nessa condição, a análise psicológica ou sociológica adquire também uma função literária. No caso da análise psicológica, ela é capaz de abandonar os aspectos históricos ou sociais da produção e buscar por definir, ou expressar, experiências psíquicas fundamentais válidas em qualquer tipo de situação; como o amor, o ciúme, a inveja, a percepção do outro. Aspectos esses comportamentais presentes em diversas épocas e pertencentes a variados contextos, sendo possível elaborar princípios

gerais dessas manifestações. Esse tipo de análise possibilita uma maior pureza teórica, contudo, apesar disso não se exclui a importância de se compreender as condições significativas de uma época para o entendimento esclarecedor de um texto literário (Leite, 1967).

De modo geral, pode-se dizer que comentar sobre determinada obra literária seria impossível fazê-lo sem realizar qualquer tipo de alusão aos processos psicológicos que atravessam sua narrativa. Então, a escolha do crítico não diz respeito sobre utilizar ou não do linguajar psicológico, mas sim decidir por apoiar-se ou não à produção da psicologia científica ou permanecer na psicologia de senso comum. Percebe-se assim que Literatura e Psicologia andam lado a lado, enquanto a Literatura tende a apresentar descrições técnicas muito completas, não se responsabilizando por explicitá-las, a Psicologia, diferentemente, ocupa-se das explicações psicológicas, a partir de suas descrições esquemáticas; e, vale ressaltar que essa interação entre ambas as disciplinas torna-se ainda mais complexa quando se destaca que os escritores não permaneceram indiferentes à História da Psicologia e sua conseqüente evolução com suas teorias psicológicas (Leite, 1967).

Para quem estuda a História da Literatura, ou está familiarizado em ler aclamadas obras literárias mundialmente conhecidas, está acostumado a ouvir nomes como das inglesas Jane Austen, Virginia Woolf, Emily Brontë e suas irmãs, ou dos norte-americanos Ernest Hemingway e William Faulkner, do irlandês James Joyce, do francês Gustave Flaubert ou do colombiano Gabriel García Márquez; mesmo na língua portuguesa temos nomes como Machado de Assis, Jorge Amado e José Saramago. Os clássicos da literatura mundial ultrapassam as barreiras do tempo e as do território, conquistando, a cada geração e por todo o globo, cada vez mais leitores e aficionados pela arte literária. Dentre esses nomes, e pertencendo também a um grupo importante para a história da literatura mundial, junto aos russos Fiódor Dostoiévski, Anton Tchekhov e Ivan Turguêniev, temos a polêmica e contraditória figura de Lev Tolstói, considerado um dos maiores escritores da literatura russa e mundial.

Por questões das traduções para o português ao longo do tempo, Lev Nikolaevitch Tolstói também pode ser mais conhecido por Leon, Leo, Leão ou Liev Tolstói. Nasceu em 09 de setembro de 1828, na vasta propriedade rural de Iasnaia-Poliana, próximo à Tula, na Rússia, e viveu a vida de sua classe privilegiada. Foi educado por tutores estrangeiros, tendo à sua disposição inúmeros servos, e aos 19 anos demonstrou compartilhar da tendência russa ao exagero, ao tornar-se um abastado proprietário de terras, dissipando sua

herança com cantores ciganos e na jogatina. Mesmo contraindo enormes dívidas de jogo, numa época a qual concebia ideais ambiciosos, e fracassava na tentativa de viver à altura deles, Lev Tolstói iniciou sua trajetória literária passando a escrever romances extremamente longos (Bartlett, 2013).

Tolstói se tornou um nobre arrependido, envergonhado por sua cumplicidade na imoral instituição da servidão, sentia uma profunda culpa pelo campesinato russo e, assim como os populistas, passou a ver a classe camponesa como a melhor das classes sociais da Rússia e o futuro da nação. Com a busca de abolição da servidão, Tolstói lançou-se à tarefa de alfabetização das crianças camponesas, assim lecionou aulas e escreveu cartilhas, porém sua notoriedade mundial veio mesmo por meio de seus romances calhamaços. Esses escritos se mantiveram graças a estabilidade emocional propiciada por sua esposa, Sófia Berhs, que ao longo da vida conjugal com Lev, esteve ao seu lado frente aos numerosos lapsos dos ideais radicais aos quais era acometido seu marido até o fim de seus dias (Bartlett, 2013).

Em 1873, quando deu início à escrita de um de seus mais conhecidos romances, Anna Kariênina, Lev encontrava-se diante de uma depressão, crise espiritual, temor da morte e de suas ideações suicidas. A literatura de Tolstói refletiu muito sua busca por respostas. Dessa forma, o tema da morte e do morrer acompanhou o autor até sua última obra-prima, a pequena novela “A morte de Ivan Ilitch” (1886/2022) que, ao leitor mais desatento, é facilmente seduzido pela simplicidade da mensagem contida. Contudo, esse provável leitor poderá ignorar o sofisticado modo pela qual a história é elaborada, em seus níveis temáticos e narrativos; a clareza literária conquistada às custas de muito trabalho faz com que Lev Tolstói seja posto na prateleira junto aos maiores escritores da história da literatura mundial.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar o Fenômeno do Morrer na novela intitulada “A morte de Ivan Ilitch” (2022), do autor russo Lev Tolstói (1828-1910), a partir da identificação e da análise das vivências psíquicas do protagonista Ivan Ilitch.

2 “A Morte De Ivan Ilitch” de Lev Nikolaevitch Tolstói – uma breve resenha

A novela de Tolstói (“A morte de Ivan Ilitch” (2022)), do mesmo modo que ocorre em “Crônica de uma morte anunciada” (1981/2017), romance do escritor colombiano

Gabriel García Márquez, não só declara a morte de seu protagonista logo nas primeiras páginas do livro, como, semelhante ao feito por Machado de Assis em sua obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881/2016), já o condena antes mesmo da prosa começar.

A partir da tradução de Boris Schnaiderman, baseada na edição das *Obras reunidas* de L. N. Tolstói, publicada em 1958-1959 pela Goslitizdat (Editora estatal de Literatura) de Moscou, e publicada no Brasil pela Editora 34, tomamos conhecimento da história de Ivan Ilitch, organizada em doze capítulos distribuídos ao longo da novela, descobrimos não somente sobre sua morte, mas, principalmente, sobre a vida que levava até ser arrebatado por um sofrido desfecho, como simbolizado pelos gritos incessantes de dor que perduraram os últimos três dias de sua vida.

A trama abre com o protagonista da obra morto. Tomamos conhecimento de sua morte por meio da reação de amigos e colegas com quem Ilitch trabalhava. Ao folhear o jornal daquele dia, Piotr Ivânovitch, um dos companheiros mais próximos do defunto, depara-se com a declaração publicada pela esposa do morto e compartilha com seus companheiros ali, então, presentes juntos ao gabinete. Por se tratar de ser o mais próximo de Ilitch, dentre todos, Piotr havia de comparecer ao funeral e fazer uma visita de pêsames à viúva do pobre coitado. Em sua visita ao velório, o homem é acometido por uma súbita sensação de que a expressão de Ilitch carregava um ar de censura, ou mesmo de aviso, endereçado aos vivos. Piotr refugia-se para longe do defunto. Uma tentativa irracional de distanciar-se do desagradável sentimento que o encontro com a morte havia desencadeado.

Até a chegada de seu funeral, Ivan Ilitch levou uma vida simples e comum. Filho de um funcionário, que fizera carreira em Petersburgo, Ilitch era o secundogênito dentre três irmãos. Considerado uma pessoa inteligente, viva, agradável e decente, o garoto cursou a Faculdade de Direito e já na faculdade era aquilo que seria ao longo de toda sua vida: um homem alegre, bonachão, comunicativo, entretanto servo cumpridor do que colocava como seu dever maior, isto é, tudo aquilo que considerava como tal as pessoas mais altamente colocadas da sociedade russa de sua época. Concluída sua formação, o jovem Ilitch viajou para a província determinado a ocupar o cargo de funcionário adido ao governador, desempenhando o papel dos encargos especiais e sendo essa uma oportunidade arranjada pelo próprio pai.

Apesar da sua mocidade e da tendência para uma alegria leve, Ilitch mostrava-se extremamente controlado, oficial e até mesmo severo. Contudo, perante a sociedade era frequentemente brincalhão, espirituoso e, como já o era na época da faculdade, sempre

bonachão. Passando de seu primeiro emprego a outro, Ilitch muda-se de cidade e passa a exercer seu novo cargo como juiz de instrução. Fez novas relações e dentre elas buscou aproximar-se mais dos ciclos os quais compunham os nobres ricos da cidade ou os com cargos judiciários. Foi nesse mesmo período que Ilitch conheceu quem viria a ser sua futura esposa, Prascóvia Fiódorovna, que se apaixonou pelo jovem rapaz e por quem Ilitch não encontrou razões contrárias que o impedissem de se casar.

Diante sua vida conjugal, não demorou muito para que Ilitch e Prascóvia passassem a apresentar forte tensão matrimonial, as quais desaguavam em inúmeras desavenças cotidianas. A reação de Ilitch para com sua vida a dois passou a não exigir muito: contentava-se somente com as comodidades do jantar, da posição da esposa como dona de casa, do leito e, principalmente, com a decência das formalidades sociais que a opinião pública assim decretava. Quando essa tranquilidade era ameaçada, Ilitch refugiava-se para sua vida funcional, e no trabalho encontrava o encanto que outrora fora importunado.

Passados sete anos, então estabelecidos na mesma cidade, Ilitch é incumbido pelo trabalho para exercer um cargo de promotor em outra província. Os novos ares não agradaram às vontades de sua esposa, Prascóvia, e mesmo recebendo mais, a vida por ali tornara-se mais cara, irrompendo na conseqüente escassez financeira. Não só isso, com o falecimento de dois filhos do casal, a vida conjugal, que antes já se mostrara afetada, torna-se ainda mais desagradável para o novo promotor

Conforme as desavenças aumentavam, Ivan Ilitch buscava meios para distanciar-se, cada vez mais, de sua família; e isso só não o magoava como, em verdade, julgava ser natural de sua própria função dentro da constituição familiar que pertencia. O seu papel consistia em livrar-se da grande parte das contrariedades que poderiam vir a ter, ora se mantendo o mais ausente possível, ora garantindo a evitação com a presença de desconhecidos. No entanto, nada dessas fugas sobrepuja-se ao fato de existir a sua vida de funcionário. Ilitch, imerso nesse conflituoso contexto doméstico, dirigia todo o seu interesse existencial para concentrar-se no mundo judiciário a qual exercia e que, assim, absorvia-o. Desta forma, Ilitch passou mais sete anos. Nesse meio tempo, mais um filho do casal acaba falecendo, restando a filha mais velha, que adentra seus dezesseis anos de idade, e um menino, um ginásiano que nutre o temperamento conflituoso de seus pais.

No trabalho, Ilitch aguardava por uma promoção, coisa que acaba não acontecendo conforme o planejado. Um colega de ofício passa-lhe à frente para ocupar o cargo idealizado e, após isso, a conseqüente irritação de Ilitch leva-o a ser tratado com frieza por

seus colegas e superiores, dado aos inúmeros conflitos que o nervoso homem destila sobre eles que, novamente, culmina em mais prejuízos para o funcionário. Deste modo, o ano de 1880 torna-se o mais penoso na vida de Ivan Ilitch. O ordenado que recebia pelo seu serviço definitivamente mostra-se insuficiente para a vida ali, contudo, o que Ilitch mais sentia era que todos haviam o esquecido, e que julgava esse abandono como “a mais cruel injustiça contra ele” (Tolstói, 2022, p. 27), mas que, para todos, mantinham-se na esfera da indiferença.

Com sua vida funcional conturbada, Ilitch acaba refugiando-se para o campo. Entretanto, sem suas obrigações do serviço, pela primeira vez Ilitch é acometido pelo sentimento não só de tédio, mas de uma angústia insuportável que o impele a tomar medidas decisivas a evitar uma possível vida pacata no interior e que retornasse ao seu ofício independente de qual fosse. Com sorte, no mesmo ministério em que havia criado tensões e inimizades, com aqueles os quais haviam cometido aparentemente injustiças contra ele, Ivan Ilitch recebe uma promessa de emprego melhor. Uma designação que o tornava duas classes acima dos seus colegas com quem trabalhava, com um aumento do ordenado que recebia e com direito a ajuda de custos. Sentindo-se bastante realizado com as boas notícias, a felicidade sentida por Ilitch facilmente fez com que ele esquecesse toda mágoa que nutriu contra todo o ministério e os inimigos que ali fizera.

Ilitch mudou-se novamente de cidade, mas dessa vez fora sozinho na frente de sua família, para que assim cuidasse dos preparativos de seu novo apartamento. Nesse período, revela-se extremamente realizado e contente conforme os avanços com a nova residência progressivamente sobrevém. Todavia, seria meio a esses agrados com a sua nova casa que Ilitch sofreria um acidente que mudaria todo o rumo de sua vida. Teve uma queda aparentemente banal, dada sua saúde e constituição física, mas que conseqüentemente culminaria no declínio ferrenho e gradual de sua existência.

Mesmo depois do acidente da queda, Ilitch seguiu seus afazeres. Sua família muda-se para casa nova. No trabalho, desempenha o seu melhor de ofício e de suas relações mantém encontros para as alegrias genuínas que o conhecido jogo de uíste lhe garantiam, quando acompanhado de bons parceiros de carteados e com a boa sorte das mãos fartas. Nesse meio tempo, o baque causado pela queda havia resultado em uma sensação desagradável que, por assim dizer, ainda não se transformara em dor propriamente dita, mas em uma consciência permanente de um peso carregado do lado afetado que, por conseguinte, lhe desencadeou um péssimo humor. Mau humor esse que crescia

continuamente. A vida conjugal, que outrora já vinha ameaçada, agrava-se ainda mais com o crescente mau humor que acometia Ivan Ilitch. Prascóvia considerava-se terrivelmente infeliz, no entanto acobertava de seu marido essa irritação, coisa que aumentava ainda mais a irritação de Ilitch. E agora a dor surgia, crescia e mantinha-se ao seu lado. Algo havia de ser feito.

Assim, por insistência de Prascóvia, Ilitch consulta-se com um médico famoso da região. Da conversa com o médico, dos questionamentos do paciente e das respostas dadas, Ilitch conclui de todo o resumo que sua situação estava indo mal, e que, desse seu retrato gritante, o médico, e também as próprias pessoas ao seu redor, tratavam-no com indiferença. A partir de sua dor, uma dor surda, abafada, que não cessava um segundo sequer, e da sua consulta ao médico, Ilitch passou a ocupar-se completamente com a realização das prescrições quanto à higiene e à ingestão de seus remédios referidos pelo doutor. Conseqüentemente, passou a se interessar mais por temas sobre doença e saúde e tudo que lhe aparecia sobre relatos semelhantes ao dele, que brotavam das conversas alheias banais, interessava-o. Nessa, a dor não diminuía, mas Ilitch esforçava-se por pensar que estava melhorando.

O estado de Ilitch só agravava. Progressivamente sua dor aumentava e também um gosto ruim na boca aparecera, causando-lhe um hálito horrível que, conseqüentemente, tirava o seu apetite. No entanto, posto de lado sua condição enferma, uma de suas principais inquietações que o acometia demasiado era a de que ele próprio era o único a saber de seu real estado. Todos ao seu redor eram incapazes de compreender, ou mesmo não desejavam por tanto, e Ilitch sentia que todos estavam como de costume e esse pensamento o atormentava impiedosamente.

Com o sentimento de solidão, Ilitch imerge nas mais profundas reflexões sobre sua real condição existencial. Sentia que sua vida se esvaia sem ao menos ter o direito de intervir para bem contê-la. Restava-lhe apenas esvair-se na morte e que, morrendo, teria de passar os dias na companhia de sua dor, que não o abandonava nunca, até sabe-se lá quantos dias que iriam se suceder; e isso também se tornou uma das razões maiores que o desesperava. Ilitch não conseguia acreditar que passava por tudo isso. Via que estava morrendo e o desespero penetrava-o. Não se acostumara à ideia da morte, ainda mais ela sendo tão escancarada para ele, e por causa dele, era impossível de se compreender.

Nesse momento, buscando caminhos que evitassem todo esse imaginário mórbido, Ilitch dispunha suas energias em direção a ocupações e pensamentos que o alienassem

daquele seu retrato macabro e que pudesse encontrar algum tipo de conforto. Entretanto, Ilitch percebe que, mesmo conquistando temporariamente esses consolos, eles pouco se mantinham por muito tempo. E, gradualmente, Ilitch definhava-se. No terceiro mês de sua doença, o seguinte imaginário havia-se instaurado entre ele, a mulher, a filha, o filho, os criados, os conhecidos, os médicos, entre todos esses Ilitch retinha que: “se não demoraria muito a desocupar finalmente o seu lugar, a livrar os vivos da opressão causada pela sua presença, e a livrar-se ele mesmo dos seus sofrimentos” (Tolstói, 2022, p. 52).

Então, bastante fragilizado, e na maior parte do tempo acamado, Ivan Ilitch, por meio de exercícios introspectivos desencadeados pela solidão, e pela permanente companhia de sua dor, tudo aquilo que Ilitch acreditava e que pareciam ser suas alegrias eternas dissolvia-se e dava margem para transformar-se em algo desprezível e asqueroso para o coitado. Nesse percurso introspectivo, Ilitch reconstrói sua vida e percebe que quanto mais longe de sua infância mais insignificantes e duvidosas tornavam-se suas alegrias. Disso, Ivan Ilitch é acometido pela dúvida se ele havia vivido ou não uma boa vida; e para isso, até então, não encontrou respostas. Mesmo assim, esse questionamento o atormentava, fazendo com que se colocasse em busca de não pensar sobre.

A dor era inevitável, mas Ilitch, incutido pelo desespero de sua solidão, recorria ao passado e às alegrias que outrora sentiu genuinamente ter vivido, para refugiar-se. Assim como alegava o médico que frequentemente ia à casa de Ilitch para examiná-lo, dizia a verdade quando falava sobre que os sofrimentos físicos do enfermo eram terríveis, todavia, eram os sofrimentos morais que mais o atormentavam. Ele buscava resistir a todo custo, mas, cada vez mais, era inevitável atravessar-lhe de súbito à mente o pensamento de que: “E o que será se realmente toda a minha vida, a minha vida consciente, tiver sido ‘outra coisa’?” (Tolstói, 2022, p. 72). O estado de Ilitch agravava-se e mutuamente a isso emergia a propensão a acreditar que ele não havia realmente vivido a vida que tanto achara bem vivida. E, se porventura não tivesse aproveitado mesmo os seus dias, o que restava a fazer? Dessa reflexão passou a observar nos outros a mentira descabida que assim também viveu.

Desse crescente aumento de sua consciência sobre como os outros viviam, e de como ele mesmo havia vivido, de que tudo aquilo que faziam não era realmente o que devia ser, ou um mero embuste que ocultava tanto a vida quanto a morte, suas dores físicas duplicaram-se. Chega-se, portanto, aos gritos que perdurariam os três dias a fio até a sua morte. Ilitch compreendia que estava perdido, não havia escapes possíveis e que agora havia chegado o seu fim, e ainda a dúvida não estava resolvida, persistia. Debatia-se,

gritava, Ilitch esvaía-se em direção à morte. Em seu último caso, Ilitch cede à realidade de que sua vida não havia sido o que imaginara, mas por quê? Fraco, quase todo entregue, o filho do homem, o garoto ginasião, rodeia a cama do pai que ali tanto grita e coloca-se próximo a ele. Ilitch, involuntariamente, encontra a cabeça do menino com a sua mão. Nisso, o garoto agarra-a para si, comprime-a contra os próprios lábios e põem-se a chorar. E aqui, Ivan Ilitch, encontra a sua redenção.

Ilitch buscou pela dor, buscou pelo seu medo da morte e dali nada encontrou. A significação desse instante não se alterou mais e àquela altura não existia mais morte, havia apenas luz. Ivan Ilitch escuta alguém por cima gritando “Acabou!” e, por fim, repete para si mesmo em espírito: “A morte acabou — disse a si mesmo. — Não existe mais” (Tolstói, 2022, p. 76).

3 Método

Este estudo teve como objetivo investigar o “Fenômeno do Morrer”, a partir da identificação e análise das vivências psíquicas do protagonista Ivan Ilitch, da novela escrita pelo autor russo Lev Tolstói, intitulada “A morte de Ivan Ilitch” (2022). Reconhecendo a complexidade que se mostra ao intencionar realizar uma análise de teor literário, a pesquisa optou-se por restringir seu alcance somente às discussões de caráter psicológico. Portanto, não se almeja atingir interpretações ou identificar o nível de literariedade que a designada obra carrega, mas sim elencar as estruturas psicológicas que atravessam a vivência do nosso protagonista ao longo da narrativa. Todavia, não se negam as contribuições da pesquisa para o aprofundamento do estudo literário da obra empregada, pois a Literatura e a Psicologia, dado ambas histórias, estão mais entrelaçadas que dispersas.

Para obtenção e manipulação dos dados relacionados à problemática, a presente pesquisa utilizou-se da proposta “pesquisa fenomenológico-empírica” apresentada por Giorgi e Souza (2010), e ampliada como pesquisa psicológico-fenomenológica por Goto (2022). Esse método se caracteriza em ser uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo, que detém em perspectiva a coleta dos materiais a serem analisados sem qualquer distinção prévia por parte do pesquisador; intentando permanecer o mais autêntico possível ao fenômeno investigado, evitando hipóteses e atentando-se, precisamente, ao problema emergente através da aplicação metodológica.

Todavia, não se tratando de uma pesquisa empírica no sentido convencional, com participantes e entrevistas, o presente estudo adaptou a metodologia escolhida ao campo empírico do texto literário, isto é, considerando a narrativa literária como uma narrativa vivencial, onde cada capítulo da obra constituiu momentos da entrevista de um possível participante. O método fenomenológico-empírico de Giorgi e Souza (2010) constituiu-se em quatro etapas: 1) a primeira, “Estabelecer o Sentido Geral”, trata-se de apreender o sentido geral da transcrição, isto é, aqui, dos capítulos da obra literária; 2) a segunda, “Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado”, refere-se a um passo operacional, ou seja, dividir o escrito em partes menores com o objetivo da realização de uma análise mais aprofundada. Para o estabelecimento das unidades de significado do texto literário foram agrupadas, a cada capítulo, todas as passagens cujas vivências psicológicas vividas pelo personagem central da novela de Tolstói eram encontradas; 3) a terceira etapa, “Transformação das Unidades de Significado em expressões de caráter psicológico”, através da aplicação da redução fenomenológico-psicológica e da análise eidética, a linguagem do senso comum seria, portanto, transformada em expressões a fim de clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes do estudo, contudo, tratando-se de um texto literário, fora empregada a redução fenomenológico-psicológica e a variação livre imaginativa com o intuito de converter a linguagem literária em descrições psicológicas, buscando retirar seus aspectos contingentes e particulares e atentando-se ao caráter essencial dos significados psicológicos; 4) por último, a quarta etapa do método de Giorgi e Souza (2010), “Determinação da estrutura geral de significados psicológicos”, o passo final do método dos dois autores remete a uma síntese das unidades de significado psicológico com o intuito de elencar os variantes e invariantes encontrados ao longo da investigação.

Por fim, atendo-se aos objetivos de uma Psicologia Fenomenológica, tal como idealizada por Husserl, isto é, identificar e descrever as vivências psíquicas, ampliou-se o método supracitado (Giorgi; Souza, 2010) incluindo uma “quinta etapa” proposta por Goto (2022). Nesta etapa, última, o autor propõe chegar à análise das vivências psíquicas propriamente dita, aquelas que estão correlatas aos significados vividos (Giorgi; Souza, 2010), porque em uma pesquisa psicológica mostra-se necessário descrever e identificar as vivências psíquicas/psicológicas, suas estruturas e elementos psíquicos.

4 Síntese dos significados psicológicos encontrados nas vivências psíquicas do personagem Ivan Ilitch (I.)

A partir da aplicação do método proposto por Giorgi e Souza (2010), adaptado para a narrativa literária, obtiveram-se as seguintes sínteses das experiências do Fenômeno do Morrer vividas pelo protagonista Ivan Ilitch:

Na unidade 1, iniciada no capítulo 3 – foram desconsiderados os capítulos 1 e 2, em razão de: no primeiro, respectivamente, o protagonista já se encontrar morto, impossibilitando o acesso a suas vivências psíquicas e, no segundo, o evento desencadeador de sua experiência de morte ainda não ter sido transcorrido – I. irrita-se com frustrações vividas no trabalho. É o único a ter consciência de suas frustrações do serviço e da vida familiar. Sente um tédio e uma profunda angústia ao estar longe de sua vida funcional. Quando suas ambições são correspondidas, I. é capaz de esquecer suas mágoas contra os outros e sentir-se alegre. Mesmo sofrendo um acidente, sua saúde e seu estado de humor alegre se mantêm. Sente prazer quando exerce sua função no serviço, recebendo convidados, na sua vida social e, principalmente, jogando uíste, nos encontros com amigos.

Na unidade 2, I. sente as consequências físicas e psicossomáticas de seu acidente. Irrita-se com as desavenças na vida conjugal e, no serviço, com a indiferença dos outros em relação ao seu estado de saúde, com infortúnios quaisquer e pessoas que o desagradam. Qualquer tipo de frustração leva-o ao desespero. Sente compaixão por si mesmo, medo da sua situação, e reconhece que está sofrendo de algo terrível. Sente-se atormentado com a indiferença dos outros, com a própria indiferença e com ter de lidar com todo o sofrimento de sua condição sozinho, estando os outros incapazes de compreendê-lo e apiedar-se dele.

Na unidade 3, I. sente-se desamparado com a evolução da doença no seu corpo. Sente que sua vida está se esgotando. Irrita-se com a convivência conjugal e em como os outros vivem suas vidas felizes sem se preocuparem com a morte. Sente-se atormentado quando pensa sobre sua morte; sente medo, desespero. Rememora os dias, a angústia e a evolução da doença.

Na unidade 4, I. não compreende a possibilidade de sua morte, ele desespera-se com ela. Sente-se impotente diante da dor, sente-se atormentado. Vê com sarcasmo como está perdendo a vida por conta de um acidente. Magoa-se com a negligência dos outros em relação a algo que investiu tanto amor (seu apartamento).

Na unidade 5, I. tem em pensamento quanto tempo levará até sua morte, livrando-se do sofrimento que sente. Mediante o tratamento anestésico, a dor física é substituída pela angústia. I. sofre com o modo como os outros o tratam como se não estivesse morrendo e fosse possível recuperar-se seguindo as prescrições médicas. Ele deseja ser cuidado, contudo, omite essa vontade. Mas se sente melhor com a ajuda prestada pelo seu empregado; devido ao seu acolhimento, ao conversar e estar em sua companhia, sente-se acalmado pelo prestador, sendo ele a única pessoa a compreender sua condição.

Na unidade 6, I. sente-se indiferente com o passar do tempo. Atormenta-se com a dor, com a angústia, com a consciência de que está morrendo, ainda impotente e incapaz de compreendê-la. Irrita-se com a presença de sua esposa.

Na unidade 7, I. sente medo da morte, mas, ao mesmo tempo, sente vontade que ocorra uma resolução dessa trama toda. Sente compaixão por si mesmo e sente que algumas memórias suas perderam seus valores. Chora por causa de sua solidão. Resiste ao pensamento de que não viveu uma boa vida, esforça-se para rejeitar esse pensamento.

Na unidade 8, I. sofre sozinho sua doença no passar dos dias, sentindo uma solidão profunda. Seu estado diante a doença oscila entre desespero e esperança, assim, refugia-se nas memórias do passado. Sente medo da morte, impotente, incapaz de aceitar que não vivera uma boa vida.

Na unidade 9, I. irrita-se com todos e com a presença de sua esposa, em que sua figura remete às frustrações que viveu e está vivendo em sua vida. Despertado pela boa saúde de seu ajudante, ele reconhece a possibilidade de não ter vivido uma boa vida. Sendo incapaz de resistir a esse pensamento, a consciência dessa ideia intensifica seus tormentos físicos e psicológicos. Alivia-se, sentindo um breve instante de esperança, ao confessar-se ao sacerdote.

Na unidade 10, I. sente que está condenado, sem ainda ter respondido sua dúvida: havia vivido uma boa vida? Desespera-se com sua impotência em relação à morte. Atormenta-se com sua incapacidade de entregar-se a ela, sustentada pela convicção de que havia vivido uma boa vida. Devido ao espontâneo acolhimento do filho, I. aceita que não viveu como deveria ter vivido, mas que ainda era possível corrigi-la. Sente pena da esposa e do filho e que, portanto, havia de libertá-los desse sofrimento, livrar-se a si mesmo. Sente que os tormentos diminuam conforme se entregava ao seu destino final. Sente como é bom e simples esse sentimento. Sente alegria ao solucionar seu conflito existencial.

A partir do relato narrativo-experiencial de Ivan Ilitch, foram encontradas unidades de significados comuns (invariantes) no desdobrar-se do fenômeno investigado, o Fenômeno do Morrer, assim como unidades de significados particulares (variantes), presentes em vividos pontuais. Os significados essenciais das experiências do personagem, visíveis no decorrer de sua história, enquanto protagonista vivo, foram identificados como: a dor física, o sofrimento psíquico afetivo e a consciência de uma vida sem sentido.

A história de vida do personagem principal, da novela russa de Tolstói, é atravessada por inúmeros episódios de desgaste, tormento ou sofrimento psíquico em reação às condutas dirigidas por outrem a ele ou por infortúnios inesperados quaisquer. Assim como ocorre no capítulo 3 da obra, pouco tempo antes de sofrer o acidente que mudaria o rumo de sua vida, quando Ilitch, sentindo-se injustiçado pelos seus colegas de trabalho, refugia-se para o campo em busca de um alento qualquer:

No campo, sem as obrigações do serviço, Ivan Ilitch sentiu pela primeira vez não apenas tédio, mas uma angústia intolerável, e decidiu que não se podia viver assim, que era indispensável tomar algumas medidas decisivas. Depois de uma noite de insônia, que Ivan Ilitch passou toda caminhando pelo terraço, decidiu viajar para Petersburgo, a fim de tomar certas providências e, para castigá-los, isto é, àqueles que não souberam apreciá-lo, passar a um outro ministério (Tolstói, 2022, p. 28).

Nesse episódio encontramos não somente o invariante *sofrimento psíquico afetivo*, como também sintomas de uma *vida sem sentido*, ao passo que o protagonista, quando confrontado por uma realidade a qual se vê longe de sua função ou de seus dedicados ideais, desperta-se em uma angústia delatora, que nos desvela sua condição existencial ao perceber-se desapropriado de suas crenças fundamentais.

Essas unidades de significado experiencial estão presentes ao longo de vários momentos da enferma história de Ilitch:

Mas bastava ocorrer um contratempo nas suas relações com a mulher, um insucesso no serviço, cartas ruins no uíste, para que ele sentisse imediatamente toda a força da sua doença; em outros tempos, ele suportava tais insucessos, esperando poder a qualquer momento corrigir o que ia mal, sobrepujar as dificuldades, alcançar o êxito, conseguir no jogo um *grand slam*. Mas agora qualquer insucesso derrubava-o, levava-o ao desespero (Tolstói, 2022, p. 40).

E, ainda:

“[...] Eu não existirei mais, o que existirá então? Não existirá nada. Onde estarei então, quando não existir mais? Será realmente a morte? Não, não quero.” Levantou-se de um salto, quis acender a vela, apalpou em volta, as mãos

trêmulas, deixou cair no chão o castiçal com a vela e tornou a descair para trás, sobre o travesseiro (Tolstói, 2022, p. 47).

Outro elemento que não o abandonou nessa pregressa jornada até a morte fora a dor física: “O machucado lhe doeu, mas a dor passou logo. Durante todo esse tempo, Ivan Ilitch sentia-se particularmente alegre e com saúde” (Tolstói, 2022, p. 30). O que Ilitch sentia não se podia denominar como algo sério: “Gozavam todos de boa saúde. Não se podia chamar de doença o fato de Ivan Ilitch dizer às vezes que tinha um gosto esquisito na boca e certa sensação desagradável no lado esquerdo do estômago” (Tolstói, 2022, p. 35). Mas, essa sensação fora avançando: “Mas aconteceu que esta sensação desagradável começou a aumentar e a transformar-se não ainda em dor, mas na consciência de um peso permanente do lado e em mau humor” (Tolstói, 2022, p. 36). Até que, com a evolução de seu quadro, Ilitch era incapaz de ignorar o que estava sentindo: “A dor do lado não cessava de atormentá-lo, parecia cada vez mais forte, tornava-se permanente, o gosto na boca era cada vez mais esquisito, estava com a impressão de ter hálito asqueroso, e cada vez tinha menos apetite, menos forças. Não podia mentir a si mesmo: acontecia nele algo terrível, novo e muito significativo, o mais significativo que lhe acontecera na vida” (Tolstói, 2022, p. 41).

Além dessas três invariantes, foram encontrados outros significados circunstanciais (variantes), ou seja, qualidades particulares, biográficas de Ilitch, ao vivenciar o Fenômeno do Morrer. Como no capítulo 3 (unidade 1): o *desejo por notoriedade e poder*; no capítulo 9: a *evitação e/ou esquivia dos conflitos*; nos capítulos 3, 7 e 10: *busca de prazer*; e, por fim, nos capítulos 4, 6, 7, 8, 9, 11 e 12: a *dualidade entre consciência e negação da morte*.

5 Discussão dos Resultados

Após a análise da obra, coletado os dados seguindo os passos metodológicos de Giorgi e Souza (2010), segue para a etapa final da investigação: o quinto passo proposto por Goto (2022), a qual se propõe em descrever e identificar as vivências psíquicas/psicológicas, suas estruturas e elementos psíquicos, presentes nos significados experienciais encontrados.

Ao buscar investigar o Fenômeno do Morrer, a partir dos significados do personagem Ivan Ilitch, que vivenciou sua própria experiência de morte, como descrito na novela de Tolstói, chegou-se aos seguintes invariantes experienciais encontrados, como: a

dor física, o sofrimento psíquico afetivo e a consciência de uma vida sem sentido. Esses são significados vivenciais que pertencem à tradição fenomenológica nos estudos empregados a respeito dos fenômenos humanos. Husserl propôs, como parte basilar do desenvolvimento de seu projeto fenomenológico, enquanto disciplina fundamental, a elaboração de uma ciência que correspondesse ao rigor e à segurança adotada pela Fenomenologia, quando diante aos estudos da subjetividade. A essa ciência ele a denominou como sendo: a Psicologia Fenomenológica – uma disciplina conjunta e relativa à Fenomenologia, que visa ser uma psicologia pura, racional e não experimental, a qual almeja pela descrição do caráter universal eidético das vivências; isto é, o eidético (eidos) como sendo a estrutura permanente e invariável das diversas ordens das vivências, intuitivamente doadas à consciência (Goto; Telles; Paula, 2016).

Nesse sentido, consoante ao método fenomenológico-empírico utilizado na presente pesquisa, buscou-se a fundamentação fenomenológico-teórica desses achados vivenciais, permanecendo de acordo com o caráter descritivo pela qual o método fenomenológico é caracterizado, ou seja, uma análise das vivências (Haro, 2019), a partir de um método distinto e rigoroso, que renuncia de todo conhecimento teórico e cientificamente derivado, em benefício de um retorno às coisas mesmas, atendo-se aos fenômenos vividos tal qual se mostram a si mesmos à consciência (Goto; Telles; Paula, 2016).

Ainda, como Haro (2019) afirma, a vida consciente não experiencia uma única vivência por vez, ou de alguma forma apartada das demais vivências, diferentemente, a vida consciente é um fluxo de consciência experienciando uma multiplicidade de experiências individuais, a todo momento, de uma só vez:

[...] ninguém vive, em nenhum momento de sua existência, de sua vida consciente, uma única experiência; ninguém vive uma única experiência preenchendo o presente em que está situado, mas sim, em cada momento, em todos os momentos, vive-se uma multiplicidade de experiências individuais, todas ocorrendo ao mesmo tempo (Haro, 2019, p. 38, tradução nossa).³

À vista disso, os três principais significados experienciais encontrados na experiência de morrer de Ilitch, mesmo interpenetrados de uma forma que seja possível elaborar uma narrativa sequencial de seus efeitos relacionais, vale colocar em perspectiva que o personagem as vivencia conjunta e simultaneamente com a coexistência de suas

³ “[...] nadie vive, en ningún momento de su existencia, de su vida consciente, una única vivencia; nadie vive una sola vivencia llenando el presente en el que está situado, sino que, en cada momento, en todo momento, se vive una multiplicidad de experiencias individuales, todas ellas ocurriendo a la vez” (Haro, 2019, p. 38).

afetações sucedendo de modo bidirecional entre todos os fenômenos notados. Cabe ilustrar que no campo dos estudos sobre a dor e o sofrimento, por exemplo, a influência cientificista culminou na distinção e separação entre consciência e corpo. Todavia, essa distinção não se sustenta definitivamente em uma análise fenomenológica, pois consciência e corpo não são polos dicotômicos, visto que mudanças qualitativas em um resultará em alterações dos estados do outro (Ferreira, 2021).

Assim sendo, a Fenomenologia busca distanciar-se das descrições dualistas/naturalistas dos fenômenos humanos, apresentando-se como uma terceira via dentre os enfoques naturalistas e historicistas, ou psicologistas, concebendo o corpo como um corpo subjetivo a qual seu caráter ambíguo mostra-se necessário para a elaboração dos estudos fenomenológicos sobre a corporeidade; e, conseqüentemente, a investigação dos demais fenômenos que se ocupam desse corpo vivo (Romero, 2015), como, por exemplo, o sofrimento e a dor.

Ainda, Moraes (2020), adotando como base a antropologia fenomenológica de Edith Stein, filósofa e discípulo de Husserl, explicitou que as vivências humanas estão fundadas em uma estrutura tripartite: denota-se, portanto, uma camada corpórea (corpo vivo), uma psíquica e outra espiritual. Ele soma que, apesar de cada instância determinar sua peculiaridade essencial, elas organizam-se em tom de unidade: “conferindo um caráter pessoal e individual à estrutura corpórea-anímica do homem” (p. 162). Sobre a questão da dor e sofrimento, Moraes (2020) coloca especificamente que a dor detém um caráter sensorial, que apresenta uma localização corpórea, enquanto, por outro lado, o sofrimento mostra-se da ordem do reflexivo, do relacional e do sentido, mesmo que: “Ambos os fenômenos apresentam disposições essenciais específicas, mas somente podem ser compreendidos no âmbito da unidade da pessoa humana” (p. 167). Por isso, para o autor, tanto a dor, quanto o sofrimento, são fenômenos distintos, complexos e multifacetados, que englobam constituintes afetivos, cognitivos, sensoriais, sociais, culturais, etc., e que desvelam peculiaridades específicas, porém que estão um penetrado no outro (Moraes, 2020).

O mesmo pode-se dizer da vivência psíquica da afetividade, que para Romero (2001), de um modo formal e abstrato: é uma dimensão da existência humana que abrange todas as formas que possam afetar subjetivamente o ser humano em relação com o mundo. Ainda para o autor, seguindo uma leitura fenomenológico-existencial, o ser humano está dado a uma interação incessante com o mundo; uma interação homem-mundo pela qual os

eventos, os objetos e as pessoas detêm uma ressonância que reverbera na constituição da subjetividade do sujeito que afeta toda sua existência (Romero, 2001). Ademais, como mostra Guerra (2014) existe também a importância da temporalidade nos estudos sobre a afetividade que, partindo das ponderações de Husserl, cujo o cerne da relação afetiva do homem com o mundo, com as pessoas, com os objetos e com nós mesmos, transcorre no âmbito do “agora”, do presente vivo:

Husserl nos fala da afetividade como a força ou intensidade que excita o ego no sentido de estabelecer a coincidência entre as impressões, entre as experiências que entram constantemente no fluxo da consciência, e aquelas que estão enterradas, adormecidas ou negligenciadas no passado, em memória (inconsciente). Husserl dirá que só existe um campo original e determinante da afetividade: o presente vivo, o “agora” impressional em constante fluxo. Esse é o *non plus ultra* da desconstrução dos afetos, ou seja, da sua constituição temporal, ou a única forma possível de compreender o que são. Algo como afirmar que o cerne da nossa relação emocional com o mundo, com os outros e com nós mesmos não é outro senão o presente vivo (Guerra, 2014, p. 44, tradução nossa).⁴

Os afetos possuem a capacidade de influenciar o contato do homem com o mundo a nível fundamental. A partir disso, é possível pontuar como os objetos e os estados de coisas são marcados, através da constituição subjetiva dos atos de consciência de ordem afetiva (Goto; Telles; Paula, 2016).

5.1 A vivência corpórea como base psíquica da dor física

Para escrever sobre o sofrimento corpóreo vivenciado por Ilitch, mais especificamente a dor física, mostra-se necessário constatar fenomenologicamente a distinção proposta por Husserl, e retomada por Merleau-Ponty, entre o corpo vivo (*Leib*) e o corpo físico (*Körper*). Esta distinção é a premissa que suporta os estudos fenomenológicos a respeito da corporeidade e, conseqüentemente, a possibilidade de se investigar e aprofundar em outros fenômenos (Romero, 2015). Entende-se como *Körper* o corpo meramente físico que, no ser humano, toma forma viva a partir da atividade orgânica a nível mais primitivo, que o estabelece como um organismo vivo e sendo animado por um

⁴ “Husserl nos habla de la afectividad como la fuerza o intensidad que excita al yo en el sentido de establecer la coincidencia entre las impresiones, entre las vivencias que constantemente ingresan a la corriente de la conciencia, y las que hallan sepultadas, dormidas o desatendidas en el pasado, en la memoria (inconsciente). Husserl dirá que hay sólo un campo originario y determinante de la afectividad: el presente viviente, el ‘ahora’ impresional en constante flujo. Ese es el non plus ultra de la desconstrucción de las afecciones, es decir, su constitución temporal, o la manera única posible de comprender lo que ellas sean. Algo así como afirmar que el núcleo de nuestra relación afectiva con el mundo, los otros y nosotros mismos no es otro que el presente viviente” (Guerra, 2014, p. 44).

processo vital. O *Leib*, o corpo vivo, além de deter uma vida orgânica que o constitui desde seu interior, possui uma animação própria no ser humano, promovendo uma experiência corporal psíquica que revela uma abertura ao mundo exterior. O corpo vivo (*Leib*) está em constante diálogo com esse mundo exterior e, conseqüentemente, é afetado por ele. A sensibilidade que permite esse espaço entre homem-mundo é a responsável por promover uma dupla abertura, pela qual o sujeito é capaz de sentir tanto os estímulos exteriores, quanto também seu próprio corpo (Moraes, 2020).

De acordo com Moraes (2020), a dor não é apenas física, mas deve ser compreendida como uma sensação tátil vivida de modo desagradável que revela estar na constituição fundamental do corpo vivo (*Leib*). A respeito de seu aspecto eidético da dor, o autor pontua que: “a dor caracteriza-se por apresentar uma localização corpórea a ser vivida pelo indivíduo não como uma falta, mas como um excesso, isto é, algo que transborda ao sujeito” (Moraes, 2020, p. 182); ela é sentida em uma determinada região do *Leib*, enquanto o sofrimento, diferentemente, orienta-se para as vivências de ordem psíquica e/ou espiritual.

A partir de um corpo adoentado, que chega a deter um sofrimento, a dor promove um desvio da atenção da consciência para si mesma, contendo-a em sua imediatez e sob a localização nesse corpo vivo que está em perturbação (Ferreira, 2021). Em caso de uma dor intensa, a dor chega a produzir um desequilíbrio, uma desordem ou perturbação geral dos outros níveis de atenção (Haro, 2019).

No fenômeno do morrer, a experiência de Ilitch com a dor física fora vivida de diferentes formas e intensidades, pois seu quadro de dor fora evoluindo gradativamente após sua queda. Do impacto causado pelo acidente, Ilitch sentira uma vivência corpórea da dor localizada e aguda, todavia, que não imediatamente o havia colado em estado de alerta a respeito de sua saúde; apenas um imprevisto. Porém, com o passar dos dias essa vivência da dor assumiu uma nova qualidade, tornou-se em uma presença, mas ainda passível de distração: “A dor não diminuía; mas Ivan Ilitch esforçava-se, a fim de se obrigar a pensar que estava melhor. E ele conseguia enganar-se, enquanto nada o perturbava” (Tolstói, 2022, p. 40). Isso perdurou até quando Ilitch foi capaz de suportá-la, quando nada que tentasse se mostrava mais efetivo, a dor assumiu uma qualidade definitiva, apossou de sua atenção e ali nada que tentasse era capaz de distanciá-la de sua consciência. Assim, a vivência da dor não cessou em nenhum instante, acompanhando-o até o seu último dia de vida.

5.2 A vivência do sofrimento psíquico afetivo

A respeito do sofrimento psíquico, é necessário situar a vida psíquica que anima o corpo vivo (*Leib*) humano, a qual se distingue dos animais. A *psique* humana se estabelece além da vida instintiva (animais) e se mostra também como uma consciência transcendental, ou seja, a possibilidade de se vivenciar algo que está “fora” dentro dela, que são reveladas como vivências conscientes (intencionais) que fundam o humano dotado de atributos e características anímicas específicas. A vida psíquica estabelece-se como um fluxo contínuo, dado que possui uma necessidade essencial de se desvelar em uma condição permanente de atividade. Para Husserl (1952/2005, citado por Moraes, 2020, p. 107), a vida anímica (alma), dotada de uma *psique* em constante atividade, não transcorre no sentido causalista-determinista, como o objetivismo científico buscou aprendê-la. Apesar dessa realidade psíquica deter uma dependência de circunstâncias, exclusivamente como o corpo físico, ela se estabelece na qualidade de um fluxo que, diferentemente da realidade material, não é conduzido por um determinismo causal. Cabe lembrar que o humano não tem experiência de seu corpo como meramente físico, sempre o experiencia como vivo e com isso, tal como evidencia Stein (1922/2005, citado por Moraes, 2020, p. 229) a experiência corpórea se constitui sempre como corpórea-psíquica.

Ainda, a partir das investigações antropológico-fenomenológicas de Edith Stein, chegou-se em uma descrição que evidenciou o psiquismo como possuidor de uma causalidade própria, ou seja, enquanto no domínio da matéria há a causalidade mecânica (determinista), na esfera da vida anímica há uma causalidade psíquica (Moraes, 2020). Todavia, a constatação da filósofa não desconsidera os pareceres de Husserl, pois o fenomenólogo já havia apontado que a realidade material e anímica, mesmo que entrelaçadas (uma na outra), ao mesmo tempo, são esferas distintas que possuem diferenças essenciais que, apesar da analogia de Stein, ambos os domínios demonstram uma legalidade causal própria. Desta forma, as vivências psíquicas nutrem-se da esfera vital, esta que suporta o corpo vivo (*Leib*), e o mecanismo causal das vivências psíquicas transcorre em consequência das diversas variações desta esfera vital. Assim como Moraes (2020) explica:

O mecanismo causal da *psique* ocorre de maneira que a causa não se intercala entre o acontecer causado e causante, mas se coloca como condicionante desse.

As diferentes variações da esfera vital (causa) condicionam a manifestação de diversos sentimentos vitais (acontecer causante). Como consequência, tem-se que na realidade psíquica é impossível que o acontecer causante ocorra sem produzir determinado efeito, visto que o aparecimento daquele está atrelado à própria causa das vivências (Moraes, 2020, p. 114).

Assim como já mencionada, uma dessas vivências como psíquicas é a vivência afetiva, cujas variações dos sentimentos anímicos não exibem apenas um registro no corpo vivo (*Leib*), como “sensíveis”, mas sim amplia-se em um registro psíquico, fundando-se enquanto sentimentos e estados de ânimo, que afetam a estrutura eidética desses vividos e que, de modo geral, gravam neles uma coloração compatível com o estado do instante da força vital. Nesse sentido, assim como Moraes (2020) afirma: “é possível conjecturar que o sofrimento, em sua faceta psíquica, se institui enquanto um sentimento comum anímico que promove uma alteração na vitalidade psíquica e colore o fluxo de vivências com uma — áurea aflitiva/nauseante” (p. 186).

Vale ressaltar que o sofrimento, no âmbito psíquico, desvela-se essencialmente como uma reação a determinado estímulo, sendo possível pontuar a causalidade e reatividade da atividade psíquica, dado a passividade que caracteriza o sofrimento em seu nível anímico (Moraes, 2020). Contudo, assim como já contextualizado, a lógica causal da vida anímica, isto é, das vivências psíquicas, possui uma distinção essencial da lógica causal que rege a esfera material. Cabe ilustrar essa questão na experiência de Ilich quando:

Nas ruas, tudo lhe pareceu triste. Estavam tristes os cocheiros, as casas, os transeuntes, as vendas. E essa dor, uma dor surda, abafada, que não cessava um segundo sequer, parecia receber, em consequência das palavras imprecisas do médico, um significado novo, mais sério. Ivan Ilitch prestava agora atenção a ela com um sentimento penoso diferente (Tolstói, 2022, p. 38).

Percebe-se, por fim, que Ilitch, após fazer uma visita ao médico, levado pela dor corpórea e pelo agrave das brigas conjugais, desencadeou vivências cujo caráter cromático e dramático se caracterizam como sofrimento psíquico afetivo, mais especificamente, certa emoção de tristeza e sentimentos negativos. Ilitch, ao longo de toda narrativa, as vivenciam de diferentes maneiras, conforme há uma acentuação do seu estado mau humorado, refletido na forma de tristeza, raiva, desamor, solidão, desespero, etc.

5.3 A consciência de uma vida sem sentido

O ser humano não se resume à sua vida consciente corpórea e psíquica, mas como visto por Husserl e Stein, é atravessado também por vivências especificamente humanas, isto é, vivências espirituais, caracterizadas pela vontade, pela liberdade e pela razão. A partir disso, seguindo a análise do ser humano, além de sentir afetivamente, ele é capaz de ter ciência desse sentir, encaminhando esse sofrimento psíquico, de caráter passivo (corpóreo) e reativo (psíquico), para a possibilidade de um sofrer de caráter propriamente espiritual (Moraes, 2020).

Adentrar à dimensão espiritual do ser humano é corroborar que o indivíduo não se limita às atividades psíquicas, pois os atos espirituais o possibilita ultrapassá-las. A vida espiritual é concebida por meio da atividade intencional da consciência como transcendental, conceito fundante do pensamento fenomenológico de Husserl, cuja vida intencional transcorre no domínio da atividade do humano, que se manifesta por meio do fluxo dos atos na consciência. Este movimento funda a subjetividade humana, também como espiritual, pela qual concebe um indivíduo desperto, ativo e consciente (Moraes, 2020). Esta disposição do ser humano como um ser transcendental, que se mostra, necessariamente, como um sistema aberto, inconcluso, é esta característica de abertura para buscas e renovações que o torna capaz de transformações de engrandecimento e de enriquecimento de sua realidade (Morais, 1997). Dessa forma, a vida humana é considerada como um projeto (uma existência), caracterizada por um ir ao passado e futuro; sendo essa abertura a possibilidade de surgir o problema do sentido; o fazer a vida, o doar sentido para a existência por intermédio do emprego da liberdade humana (Carvalho, 2010).

Agora como analisa Stein, o sofrimento espiritual, diferentemente do sofrimento corpóreo-psíquico, manifesta-se por meio dos elos de motivação que transcorrem no fluxo dos atos intencionais, ou seja, não se trata de uma reação meramente passiva e reativa (causalidade), mas caracteriza-se pela sua qualidade ativa, consciente, a qual requer a ação de um sujeito atuante (Moraes, 2020). É a dimensão que, por funcionar pelos elos motivacionais, é responsável por inaugurar o domínio da liberdade, cujo sujeito espiritual se mostrará como um ser livre, dotado de vontade e capaz de realizar atos de liberdade. Por outro lado, esse mesmo caráter livre da subjetividade espiritual do sujeito é também responsável por instaurar o domínio da responsabilidade, a qual estabelece um sofrer

vivido enquanto uma angústia, que constitui a condição de ser do humano e que, em contrapartida, mostra-se incapaz de se desvincular dela. Portanto, essa característica de ser livre corrobora um estar em contínuo estado de sofrimento/angústia, que caracteriza o sofrer espiritual, sendo possível o distinguir do sofrer corpóreo-psíquico (Moraes, 2020).

A dependência por relações motivacionais essenciais ao sofrimento espiritual permite que se tenha diversas possibilidades a definir esse sofrer, ou seja, a origem do sofrimento espiritual desse sujeito pode ser determinada pela esfera da moral, a partir de um dilema vivido, por questões religiosas ou frutos de conflitos existenciais. O que se tem é que o humano não vive de modo meramente passivo e reativo, diferentemente, é dotado de uma racionalidade pela qual o possibilita refletir e buscar compreender as razões, os sentidos e motivos que atravessam os sofrimentos psíquicos que vivencia (Moraes, 2020).

Então, como Moraes (2020) analisou, um sujeito acometido por uma doença grave, pela qual a dor rapta a atenção de sua consciência e a faz atentar-se a si mesma, em sua imediatez, essa virada abrupta do mundo exterior para as vivências internas dessa realidade interior provoca no indivíduo uma relação fragilizada, pela qual sente que sua existência está ameaçada. É possível constatar essa vivência em Ilitch, a partir da descrição presente na obra, a qual mostra como no sofrimento propriamente humano, surge no Fenômeno do Morrer a possibilidade dos conflitos existências de sentido de vida:

Para quê fizeste tudo isto? Para quê me trouxeste aqui? Para quê, para quê me torturas tão horrivelmente? [...] Ele nem esperava resposta, e chorava porque não havia nem podia haver uma resposta. A dor cresceu novamente, mas ele não se movia, não chamava ninguém. Dizia consigo: “Está bem, mais ainda, bate mais! Mas por quê? O que foi que eu Te fiz? Por quê? (Tolstói, 2022, p. 66).

Pompeia e Sapienza (2004) colocam que enquanto o homem não detém razões que tornem a morte um tema vivido em seu cotidiano, há normalmente um esquecimento a respeito da fragilidade da vida humana. Com isso instala-se uma impressão a qual a vida é uma condição garantida, que estará ali sempre disponível e que, por conta disso, justificam-se os descuidos a seu respeito; os acontecimentos, as coisas, até mesmo as pessoas acabam perdendo suas qualidades notórias e sofrendo de um certo apagamento. Todavia, os autores complementam que, quando esse sujeito, que atribui à vida um caráter banal, depara-se com uma situação pela qual vê limitado seu acesso a suas vontades, ou são prejudicados pela ação dos outros, ou sofrem algum tipo de perda, para esse indivíduo, a vida assume um caráter injusto; assim concluem que: “a vida, enquanto a temos, é só

isto, e é tudo isto: dádiva que diariamente chega. E quando a perdemos é dádiva que cessou” (Pompeia; Sapienza, 2004, p. 85).

Ao se olhar a experiência de dor e sofrimento psíquico que Ilitch viveu, pode-se dizer que esses sofrimentos vividos, que não se permitiam cessar, mas sim ampliar-se, levou-o a tomar consciência de uma dúvida fundamental sobre o sentido de sua vida: havia realmente vivido uma boa vida? Essa dúvida que o acompanhou até os últimos instantes de vida fora, sem dúvidas, a motivação de seu sofrimento espiritual. O sentido que ele doou para sua vida, antes do aparecimento do Fenômeno do Morrer, estava pautado pelos pressupostos dos outros, aqueles mais altamente colocados na sociedade de sua época, sustentado desde muito jovem, mas que não fora capaz de fazê-lo apossar de sua morte.

De acordo com Pompeia e Sapienza (2004) é somente a partir da consciência do sentido doado à vida que se permite transformar a morte num gesto próprio. Quando esse sentido se manifesta em sua plenitude, o sujeito é capaz de se apossar da morte e torná-la o fim da “sua” vida. Isso transcorre nas vivências de Ilitch somente quando já estava bastante debilitado, quando se passa a ter a persistência da dor corpórea e do sofrimento psíquico afetivo. Nesse momento desperta-se a consciência de um sofrimento espiritual que possibilita a Ilitch doar um sentido à sua vida capaz de significar o seu morrer. Ilitch imerso no seu desespero desencadeado pela dor corpórea, acamado gritando a todos o seu profundo sofrimento, ao receber a visita de seu filho, que se esgueira pelo quarto e toma a mão de seu pai e a beija, sendo nesse instante dado ao protagonista a possibilidade de se desapegar às suas convicções passadas e viver sua condição de morrer:

E justamente então Ivan Ilitch caiu no fundo, viu a luz e percebeu que a sua vida não fora o que devia ser, mas que ainda era possível corrigi-lo. Perguntou a si mesmo: “mas o que é ‘aquilo’?” — e silenciou, o ouvido atento. Sentiu então que alguém lhe beijava a mão. Abriu os olhos e dirigiu-os para o filho. Teve pena dele. A mulher aproximou-se. Olhou-a. Ela também o olhava, a boca aberta, uma expressão de desespero e tendo lágrimas não enxugadas sobre o nariz e a face. Teve pena dela (Tolstói, 2022, p. 75).

Por fim, entendeu-se que foi dessa maneira que Ivan Ilitch tornou-se capaz de ressignificar sua vida sem sentido: “Tudo isso lhe aconteceu num instante, e a significação desse instante não se alterou mais” (Tolstói, 2022, p. 76); sendo que nos seus últimos instantes de vida Ilitch foi capaz de apropriar-se de sua morte e vivenciar um morrer significativo.

6 Considerações Finais

A Psicologia e Literatura são disciplinas que, no mínimo, detêm a familiaridade pelas descrições humanas. Contudo, mesmo com vislumbres de importantes contribuições oriundas entre ambas as áreas, e com um certo grau de similaridades entre elas, a transposição teórica ou metodológica empregada nas investigações em busca de suas intersecções não deixa de requerer uma criticidade e revisão de seus instrumentos e fundamentos. Reconhecendo essas fronteiras, a presente pesquisa buscou estabelecer um estudo de caráter fenomenológico-psicológico, abdicando-se da responsabilidade de lidar com a carga literária da obra de Lev Tolstói: “A morte de Ivan Ilitch” (Tolstói, 2022); com o intuito de investigar o Fenômeno do Morrer, a partir das vivências psíquicas vividas pelo protagonista Ivan Ilitch.

Para a realização desse estudo foi utilizada a “pesquisa fenomenológico-empírica” de Giorgi e Souza (2010), que objetivou identificar os variantes e invariantes na experiência do morrer do personagem. É a partir dessas variantes que é possível singularizar o vivido do protagonista, porém, o que interessou nesse estudo foram os invariantes encontrados, pois mostram o caráter essencial do Fenômeno do Morrer. Na narrativa literária analisada, ou seja, da experiência de Ilitch, a partir de um quadro evolutivo de dor e sofrimento, chegou-se que diante o Fenômeno do Morrer o humano tem experiências significativas como a dor física, o sofrimento psíquico afetivo e a consciência de uma vida sem sentido. Apesar de identificar essas experiências de Ilitch como essenciais no Fenômeno do Morrer, ou seja, como experiências sempre presentes no morrer humano, cabe advertir que dizem respeito apenas ao morrer ligado a uma desordem físico-orgânica, tal como foi pesquisado aqui.

Ainda, como a pesquisa se baseou em uma análise psicológica do Fenômeno do Morrer, recorreu-se incorporar um passo a mais na análise fenomenológico-empírica proposta por Giorgi e Souza (2010), ou seja, foi incluída a complementação proposta por Goto (2022), que buscou identificar e analisar as vivências psíquicas presentes nas experiências significativas. Isso quer dizer que se procurou fundamentar psiquicamente as experiências significativas encontradas no Fenômeno do Morrer, mantendo-se de acordo com o caráter descritivo definido pelo método fenomenológico-psicológico, quer dizer, descrever as estruturas psíquicas da experiência da dor física, do sofrimento psíquico

afetivo e da tomada de consciência do sentido da vida pela qual Ivan Ilitch viveu até findar-se em seu dramático desfecho.

Dessa análise, concluiu-se que, o Fenômeno do Morrer ligado à causação orgânica, vivido especificamente a partir de um quadro evolutivo de dor física, do sofrimento psíquico afetivo e da tomada de consciência do sentido da vida, envolve toda a estrutura tripartite que constitui o ser humano: a corpórea, a psíquica e a espiritual. No entanto, a vivência do morrer, nesse caso, tem características psicológicas peculiares: a) a experiência da dor física é vivida como uma experiência local (sensações) no corpo vivo (*Leib*), que possibilita a condição de uma consciência não só instintiva, porém transcendental (abertura ao mundo); com isso tem-se então um sentir (sentimentos) que se constitui como uma vivência do sofrimento psíquico afetivo, em correspondência com a dor física (sensação), sendo passiva e reativa, porém, possuindo uma lógica causal própria distinta da vivida na corporeidade; a partir dessas condições adentra-se a um sofrimento espiritual, pertencente à esfera do espírito, pela persistência da vivência da dor e do sofrimento afetivo, levando a certa tomada de consciência em relação às vivências morais, religiosas e/ou existenciais; ou seja, todas formas vivenciais ligadas à questão do sentido da vida.

A experiência do morrer, vivida singularmente pelo protagonista Ivan Ilitch, é desencadeada por um acidente e agravada com o tempo como matéria de sua doença (dor física), atingindo reativamente seus sentimentos (sofrimentos psíquicos afetivos). A persistência e evolução de seu quadro, dado a dor física e sentimentos negativos, leva Ilitch a uma condição fragilizada, colocando-o diante a realidade moribunda da morte. Toda essa condição corpórea e psíquica do sofrer diante à possibilidade mais certa de uma morte, conduz o personagem a uma tomada de consciência sobre o sentido de sua vida, afinal: havia vivido realmente uma boa vida? A partir desses questionamentos, ou seja, da tomada de consciência sobre o sentido de vida, os sofrimentos de Ilitch adquirem uma nova qualidade, não se limitando apenas à experiência corpórea ou psíquica do sentir dor, mas uma perspectiva cada vez mais limitante de sua condição de viver. Até que, nos últimos instantes de sua vida, fora capaz de ressignificá-la, tornando-se capaz de apropriar de sua morte e vivenciar um morrer significativo.

Por fim, tendo como objetivo analisar as vivências psíquicas no Fenômeno do Morrer, a partir da vivência do protagonista Ivan Ilitch, tal como narrada por Lev Tolstói, pode-se concluir que as vivências psíquicas se caracterizam como vivências corpóreas de dor, de sentimentos negativos (tristeza, raiva, desamor, solidão, desespero) e pela tomada

de consciência sobre o sentido da vida. É imperativo dizer que essa análise se restringiu à experiência de morrer que possui uma causação orgânica, sendo necessário outros estudos que evidenciem outras causações (psíquicas) ou motivações (espirituais).

Referências

ASSIS, M. **Todos os romances e contos consagrados de Machado de Assis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Obra original publicada em 1881).

BARTLETT, R. **Tolstói - A biografia**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

CARVALHO, J. M. O problema do sentido. **Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, n. 5, p. 28-42, 2010.

FERREIRA, R. B. Fenomenologia do corpo adoentado. **Geografares** [Online], Abaetetuba, v. 1, n. 32, p. 1-11, jan./jun. 2021.

GIORGI, A.; SOUZA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. 1 ed. Lisboa: Fim de Século Edições, 2010.

GOTO, T. A. Pesquisa em enfoque fenomenológico: A psicologia fenomenológica como ciência psicológica e método de investigação. In: BARROSO, S. M. (Org.). **Pesquisas em psicologia e humanidades**. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 354-396.

GOTO, T. A.; TELLES, T. C. B.; DE PAULA, Y. A. A questão dos afetos na fenomenologia de Edmund Husserl: Um estudo preliminar. **Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 30-50, abr. 2016.

GUERRA, G. E. El fenómeno de la afectividad en Husserl. **Páginas De Filosofia**, v. 9, n. 11, p. 43-70, 2014.

HARO, A. S. Introducción a la fenomenología del dolor: la experiencia del dolor físico desde el punto de vista filosófico. **d'Humanitats**, Barcelona, v. 3, p. 30-42, nov. 2019.

LEITE, D. M. (1967). **Psicologia e literatura**. 2. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

MÁRQUEZ, G. G. **Crônica de uma morte anunciada**. 65. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. (Obra original publicada em 1981).

MORAES, M. A. B. **Por uma fenomenologia do “sofrimento psíquico grave”**: As contribuições da antropologia fenomenológica de Edith Stein. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, 2020.

MORAIS, R. **Stress existencial e sentido da vida**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido**: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. 1. ed. São Paulo: Educ, 2004.

ROMERO, E. **As formas da sensibilidade - Emoções e sentimentos na vida humana**. 2. ed. São Paulo: Della Bidia, 2001.

ROMERO, P. D. Consideraciones sobre el dolor desde una perspectiva fenomenológica. **Co-herencia**. Medellín, v. 12, n. 23, p. 89-106, jul./dez. 2015.

SOUZA, R. A. **Teoria da Literatura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

TOLSTÓI, L. **A morte de Ivan Ilitch**. Tradução: Schnaiderman, B. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2022. (Obra original publicada em 1886).